

“El Pelado” Klachko, um velho militante argentino da Quarta Internacional, morreu

Olivier Sabado e Olivier Besancenot publicaram ontem um artigo em que prestam a sua homenagem a “El Pelado”. O texto diz:

Chamávamos-lhe “El Pelado”. O seu nome era Mario Raul Klachko. Filho de judeus ucranianos que emigraram para a Argentina, nascido em 1945, El Pelado pertence a essa geração de revolucionários latino-americanos que se comprometeram de corpo e alma nos anos 60 com o advento de um mundo melhor, mais igualitário e mais humano. Entusiasmado com a revolução cubana e os apelos internacionalistas de Che Guevara, visceralmente resistente ao estalinismo, juntou-se às fileiras do PRT-el Combatiente e do ERP-Ejército Revolucionario del Pueblo, juntamente com o revolucionário e guerrilheiro argentino Mario Roberto Santucho. Quando a PRT toma uma estrada verticalista e exclui os trotskistas da IV Internacional, Pelado forma a fracção vermelha da PRT-ERP, da qual ele é um dos líderes.

El Pelado luta contra a ditadura militar argentina. Participou activamente na resistência política e pegou em armas, multiplicando os golpes contra o regime: organização e protecção armada das greves, “expropriação” dos bancos, ataques às prisões, rapto dos grandes patrões. Tendo-se tornado um homem a derrotar e o inimigo público número um do seu país, Mário teve de se exilar em Paris, onde os seus camaradas da Liga Comunista o acolheram. Sem nunca renunciar à perspectiva revolucionária, ele revê criticamente esta epopeia da luta armada.

Prosseguiu esta avaliação estratégica e interrogatório durante os anos 80, após um breve regresso à Argentina, em

diálogo com Nahuel Moreno e Hugo Blanco, revolucionários marxistas argentinos e peruanos.

Em França, El Pelado retomou a sua formação como arquitecto e tornou-se projectista urbano. Acompanhou de perto os assuntos sociais e políticos actuais e participou regularmente nas actividades militantes e políticas da Liga Comunista. Em particular, ajuda os seus camaradas a compreender a revolta revolucionária de 2001-2002 que pôs a Argentina em chamas. Logo que pode, participa em mobilizações sociais e políticas, tais como a “Nuit debout” (Noite a pé) de 2016, na sua comuna de Pantin”.

“Os seus problemas de saúde estão a multiplicar-se e as trocas são cada vez mais raras. El Pelado permanece e continuará a ser uma referência: a de um militante revolucionário que lutou e arriscou a sua vida pelas suas convicções, na Argentina dos anos 70, sem nunca se afundar na cegueira e nos impasses sectários. Numa entrevista concedida à revista argentina Página 12 a 12 de Março de 2018, na qual o jornalista lhe pede para se definir, ele responde: “Historicamente Trotskista”.

Com ele, é uma parte da nossa história que também está de partida. Estamos a pensar na sua família e nos seus amigos. Também os seus camaradas, os argentinos, os bascos e os de todo o mundo. E estamos orgulhosos de estar entre eles”.

Conheci o “Pelado” no que se tornou para mim um encontro histórico. Um ano e meses antes, meu irmão Luis Pujals, um militante trotskista do ERP como El Pelado, tinha sido raptado. Dias antes, na último encontro que tivemos, ele tinha-me falado da necessidade de defender a Quarta Internacional contra o castrismo de cima para baixo a que Santucho aspirava.

O encontro histórico com “El Pelado” foi no ato que nós do PST (Partido Socialista dos Trabalhadores) fizemos na Federação da

Caixa no final de 1972. Foi o primeiro ato público de um partido revolucionário realizado quando a ditadura de Lanusse estava chegando ao fim e tinha decidido abrir eleições como consequência do Cordobazo, uma insurreição operária na cidade de Córdoba.

No meio do evento, aqueles de nós que estavam na organização foram informados de que havia um grupo de militantes armados do ERP Vermelho que queriam vir cumprimentar o evento. Não hesitámos um minuto em deixá-los entrar; apenas lhes pedimos que deixassem as suas armas com a nossa guarda de ordem à entrada do evento. Aparece na primeira fila “El Pelado” para trazer a sua solidariedade trotskista, penso que ele não usou a palavra (não foi táctica), mas a sua presença foi marcada como um gesto histórico de reconhecimento entre frações trotskistas opostas no IV.

Encontrámo-nos novamente em 1980 na Argentina e em Paris. Continuamos camaradas e amigos. Tornou-se um grande apoiante internacional do MAS na Argentina. Ele zangou-se comigo quando a inevitável separação do MAS aconteceu em 1992. Nunca mais o voltei a ver. A história recuperou-nos agora tragicamente e colocou-nos exactamente do mesmo lado; como dizem Sábado e Besancenot, um expoente – um dos melhores – daquela juventude dos anos sessenta que abraçou a causa da revolução e da luta armada sem baixar as bandeiras do Trotskyismo.